

Artesanato, turismo e desenvolvimento humano

Nos últimos anos temos assistido ao despertar lento e tardio das populações modernas para os problemas que elas próprias têm causado ao meio ambiente. Abordagens educativas, pesquisas científicas, novas tecnologias, legislações, acordos políticos e comunitários começam a frear nosso impulso desenvolvimentista, propondo, senão uma consciência humana e biocêntrica, ao menos um desenvolvimento centrado nas potencialidades culturais e ambientais das localidades. É nesse contexto que a convergência entre as atividades de artesanato e turismo pode favorecer o desenvolvimento humano nos territórios e a redução dos custos ambientais.

A expansão atual dos programas de artesanato e turismo se deve, em grande parte, às crescentes demandas do homem moderno em busca de valores, costumes e qualidade de vida, supostamente perdidos no cotidiano urbano. Hoje, o planejamento das ações de turismo e de artesanato se volta para o (re)conhecimento da identidade territorial dos espaços rurais. A ruralidade se destaca como conceito e tema central dos estudos voltados a essas atividades, pois permite a compreensão de antigas e novas manifestações socioculturais típicas de espaços rurais. Essas questões devem permear o estudo das competências e habilidades humanas dos territórios, notadamente daqueles que se encontram carentes de condições e meios de vida. Assim, os programas de desenvolvimento devem se direcionar à formação de um ambiente propício para as pessoas gozarem de vidas longas, criativas e saudáveis. Isto pode parecer uma verdade simples, mas é frequentemente esquecida.

O processo associado ao artesanato oferece uma releitura do saber-fazer de contextos antigos. Ao resgatar a origem de práticas artesanais de produção, como ferramentas de trabalho e modos de vida, o artesanato fortalece a memória presente no imaginário de populações rurais tradicionais ou, ainda, pode estimular vocações e hábitos comunitários. Este é o caso da Oficina de Artesanato Gente de Fibras de Maria da Fé - MG. Se, por um lado, a convergência das agendas do artesanato e turismo aponta para a necessidade do bem-estar humano, por outro, ela exige ações sistematizadas e coordenadas.

A inserção do artesanato no mercado turístico e vice-versa nos conduz a um pensar e agir estratégico. Ao passo que os produtos de artesanato desempenham um papel importante como indutores do turismo. Este gera um mercado potencial para os produtos artesanais, principalmente para os que utilizam de modos tradicionais de produção, pois a vivência de etapas produtivas apresenta-se como atrativo turístico altamente valorizado pelo turista consciente. O contato do turista com o ambiente produzido oferece outros elementos que agregam valor ao produto artesanal comercializado, além de gerar crescimento pessoal a quem interage com tal ambiente. A visualização da reciprocidade entre artesanato e turismo nos ajuda a entender de forma ampliada os benefícios destas atividades, para que o

potencial de cada localidade seja adequadamente utilizado pelos sujeitos e a matéria-prima local ou regional seja transformada em objeto de arte com forte valor humano, ambiental e econômico.

Esta visão nos permite apontar algumas funções, dentre várias, associadas ao processo de artesanato e turismo, a partir de ações éticas e estratégicas. A função social se relaciona ao processo de inclusão de grupos favorecidos pelo aumento da auto-estima, como grupos de baixa renda e deficientes, e pela ampliação das escolhas dessas pessoas. A função artística é favorecida pelo despertar de aptidões, de sensibilidades e estímulo à criatividade. A função político-pedagógica é potencializada pelo processo educativo inerente à participação e aprendizagem dos processos coletivos. Já a função cultural subsiste a valoração dos traços e do saber-fazer artesanal. E, finalmente, a função econômica proporcionada pelo aprendizado do pensar em torno das melhores formas de uso das capacidades adquiridas pelos processos. Assim, ações coordenadas e compartilhadas contribuem com o desenvolvimento local, ao reduzir disparidades socioeconômicas em espaços rurais e urbanos e ao gerar oportunidades de crescimento humano pela inserção social, política, cultural e econômica dos sujeitos envolvidos.

Fabiana Andrade Bernardes Almeida

Mestre em Geografia Humana - IGC/UFMG.

Bacharel em Turismo - Unicentro Newton Paiva.

Coordenadora do Colegiado do Curso de Turismo - UFMG

Pesquisadora do CEPLANTUR - Centro de Pesquisa Ação em Turismo - IGC/UFMG,

responsável pelo projeto "Paisagem, Ruralidade e Turismo em Minas Gerais